

1ª PARTE

HOMENAGENS

**Ao poeta Artur Eduardo Benevides
1923 – 2014**

Centenários

Moreira Campos
Antônio Girão Barroso

HOMENAGENS

Ao poeta Artur Eduardo Benevides
1923 – 2014

Diante do príncipe adormecido

(para Artur Eduardo Benevides, *in memoriam*)

Giselda Medeiros

A sala inteira condoía-se.

Ao seu centro, ele, silenciada a voz, olhos cerrados ao mundo. O peito cheio de quimeras (que, ainda, não haviam sido vividas), já não pulsava à presença da Amada, ali, olhando-o em seu último sono (*Um grande amor chegou. Por que morrer?*).

Dorme o poeta, enquanto as musas, ao seu redor, ninavam-lhe o sono e coroavam-lhe a fronte de louros. Querubins celestiais, perfilados, esperavam a voz de comando para o conduzirem ao trono majestático da Poesia Imortal, lá, nos siderais espaços inatingíveis aos humanos mortais.

E o Príncipe, sereno, na embriaguez dionisiaca do imponderável, pairava sobre tudo e sobre todos, iluminado por mansas candeias, metáforas dos versos incandescentes.

O que diria o Poeta acerca de tudo isso que se passava ao seu redor? Que poema comporia? Quais mensagens impregnaria em nós, ali, pesarosos, aflitos por sua eterna ausência física? Talvez dissesse: *Não posso ser eterno. Sou tão pouco!*

A sala, condoída, captava o som choroso e sublime do violino que chorava por ele nos acordes de suas canções preferidas. E ele parecia ouvi-las, em sua ausência, pois sentia-se-lhe o ar circunspecto de quem se extasiava (como sempre acontecera) diante do Belo.

Não se ouvia, porém, o lamento do seu coração inanimado, mas que ainda parecia sussurrar: *Poeta e amante sendo, em mim o sentimento / Deixou de ser maré ou ímpeto de rio.*

Na sala, vozes se alteavam em cantos litúrgicos, mãos se juntavam em preces silenciosas. Olhos deixavam verter, como um veio d'água, lágrimas azuis, metaforizadas em saudade.

Ah, Poeta, nem viste a dor que nos atormentava o peito, que nos deixava atônitos! Como viver sem ti, ó Príncipe, que nos comandava, que nos incentivava, que nos acolhia?

E a sala viu (ah, como doeu!), quando confinaram, para sempre, o teu *modo solene, o jeito vago*, naquele estrito espaço, que não era o teu espaço, tua visão de mundo, teu trono majestático. *Por que sentir as cousas terminadas?* Quem de nós poderia responder, Poeta?

A sala condoía-se...

E uma interrogação pairava no ar: Por que partias, ó Príncipe, se a Primavera chegava com suas perfumadas cores?